



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA

# O APARO EDUCADOR

Por ANÃO SABICHÃO  
Desenhos de A. CASTANE

**Q**UANTAS vezes eu encontrara o Zeca, em frente duma mēsa com livros, a abrir a bōca cheio de aborrecimento, sem se interessar nada pelo estudo!

Depois, em que barafunda aquēle diabrete deixava sempre os livros e os cadernos!

Então, um certo dia, dei-lhe um aparo novinho em fōlha e disse-lhe:

— Este aparo só serve para escreveres os teus exercícos e não para o empregares a cabular como é teu costume, fazendo bonecos e sujando o papel com garatujas!

Fiz uma carēta muito zangada e deixei-o só. O Zēca respirou aliviado, mal me viu saír!

São assim êstes meninos mandriões!... Ainda por cima, se aborrecem quando os repreendem!...

Pois o Zeca olhou o aparo novo e sabem vocês a applicação que lhe deu?

O maroto pôs-se, nem mais nem menos, a escrever uma carta que começava assim:

«Antoninho. Espera-me amanhã no jardim que eu falto á aula e vou brincar contigo...»

Aqui o aparo fez um borrão e o Zeca, enfadado, inutilizou a carta e tratou de escrever outra.

Ao chegar ás palavras *falto á aula*, não houve maneira de andar para diante! O aparo, paralizado, não traçava mais letra alguma!

— Deu-lhe o tanglomango, não ha que vêr!— resmungava o rapaz, muito intrigado.

Para o experimentar mais uma vez, escreveu

(Continua na página 4)





# DESOBEDIENTE

Por LEONOR DE CAMPOS  
Desenhos de A. CASTANÉ

O Mário, aquele valente rapazote de que há tempos lhes falei, era, em pequeno, um famoso turbulento. E tanto que — pasmais, ó amiguinhos — conseguiu partir a cabeça sete vezes, no espaço dum ano!...

Parece impossível, mas é verdade. E olhem que algumas dessas brincadeiras, iam-lhe saindo caras!...

Certa vez, por exemplo, andava com a irmã às cavalitas, a subir e a descer umas escadas. A mãe passou e ralhou:

— «Mário, cuidado com essas brincadeiras parvas. Tu és pequeno, a tua irmã pesada, e as escada escorregadias!...»

— «Ora, minha mãe. Eu sou pequeno mas tenho força. E além disso, são só três degraus. Por isso se cair não há perigo!...»

— «Contudo — insistiu a mãe — é melhor deixarem-se disso. Vocês têm tanta forma de se divertirem sem se maguarem!...!»

O Mário, amuado, pôs a irmã no chão e foi para a janela, tamborilar nos vidros. Mas apenas a mãe voltou costas, disse á irmã:

— «Bom; a mãe já se foi embora, podemos continuar a brincar. Sobe outra vez para os meus ombros...»



— «O pior é se a mãe volta de repente...»

— «Não sejas medricas!... Anda!...»

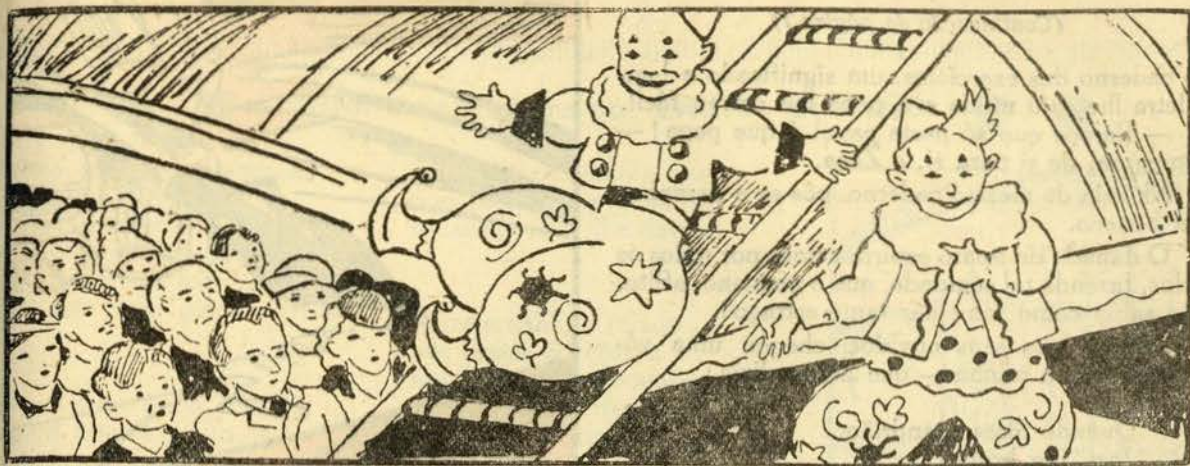
A irmã obedeceu. E a brincadeira recomeçou. Mas... é bem certo!... o coração das mãis adivinha:

De repente, Mário escorrega nos degraus. Cai para a frente. Bate com a cabeça na parede. O sangue jorra duma ferida. Aos gritos aflitivos da irmã, acorre a família. Levam-no ao hospital. Aí o médico de serviço põe-lhe alguns *agrafes*. O Mário, que já nesse tempo, a-pesar de turbulento e desobediente, era um rapaz cheio de coragem, suporta o tratamento sem um grito, sem uma queixa. Quando as dores são mais fortes, morde os lábios mas não diz palavra.

Por isso, o médico, ao acabar de ligar a cabeça do pequeno, volta-se para o pai e exclama:

— «Bravo!... Tenho tratado muito homem e muita criança. Pois nunca na minha vida encontrei criatura mais corajosa!...»





Mário esteve um mês de cama, com a cabeça amarrada... mas não teve emenda.

A mãe tinha proibido terminantemente que os filhos se servissem de faca, fôsse para o que fôsse. Mas o Mário continuava a ser desobediente. E os meninos desobedientes são sempre castigados.

Ora um dia o Mário quis descascar, êle próprio, uma laranja. A criada, obedecendo às ordens recebidas, deita a mão ao cabo da faca. O pequeno, teimoso, agarra na lâmina e puxa com força. A rapariga larga a faca. E... zás!... esta vai enterrar-se profundamente na cabeça do Mário.

Pois os meus amiguinhos julgam que êle teve emenda? Isso sim!...

Ainda não estava bem curado da facada, foi certa tarde ao Coliseu assistir a lindo espectáculo, dado por uma companhia de circo. Entre os vários numeros, havia um sensacional. Dois equilibristas, vestidos de palhaços, desciam vertiginosamente uma escada, deslizando, como se em vez de degráus a escada tivesse uma prancha lisa e inclinada.

Mário veio para casa impressionadissimo com aquele exercício. E, depois de o ter comentado, disse á irmã:

—« Amanhã, vou experimentar fazer essa habilidade nas escadas do quintal...»

A mãe ouviu e ralhou:

— «O menino é patetinha!... Então não vê que aqueles equilibristas, além de serem gymnastas, habituados a tôda a espécie de exercícios, se servem de qualquer «truc» para darem a impressão de que deslizam? Ao menino era absolutamente impossível fazer uma coisa dessas!...»

— «Talvez não, minha mãe—respondeu o Mário, muito emproado— eu também estou habituado a fazer gymnástica e parece-me que já descobri como êles conseguem deslizar...»

— «Ah sim? Pois dou-lhe os meus parabens. Contudo, fica terminantemente proibido de imitar os palhaços. Ouviu?»

Mas o Mário continuava a ser teimoso e desobediente. Por isso, na manhã seguinte, apenas se levantou, foi para o quintal, decidido a fazer a experiência.

Mário colocou-se ao cimo da escada, composta de oito degráus de pedra, e gritou:

—«Um!... Dois!... Três!...»

Trrrr!...

E o Mário deslizou tão bem, que, segundos depois, estava estatelado no pátio de pedra, a esvair-se em sangue, com um enorme ferimento na cabeça.

Levam-no de novo ao hospital. O médico, imediatamente, trata de lhe coser a ferida. E o Mário, como da outra ocasião, enquanto dura o tratamento, não dá um ai.

Desta vez o médico não se limita a felicitar o pai. Apenas acaba de tratar o pequeno, despede-se dele, estendendo-lhe a mão e exclama:

— «Meu rapaz!... A um valente como tu não se beija, aperta-se-lhe a mão!...»

Foi esta a ultima vez que o Mário partiu a cabeça. Esteve tão mal, tão mal, que ia morrendo. Mas ficou-lhe de emenda. Não tornou a ser desobediente. E passou a aproveitar melhor a sua coragem e a sua valentia.

■ F I L M ■

## CONCURSOS CHARADÍSTICOS

### N.º 7 — 1.º CONCURSO

NOTA: — Tôda a correspondência referente a esta secção deve ser endereçada a *Américo Taborda (Rei do Sébo)* — Pim-Pam-Pum — Rua do Século, 43 — Lisboa

#### Charadas

#### NOVISSIMAS

1) *Aqui*, nesta provincia portuguesa, até a estrada é bela. — 1-2

Leiria — Ramon Navarro.

2) *Colocá* uma boa porção de viveres num prato com reflexão. — 2-2

Braga — Rucas.

#### SINCOPADAS

3) *O paladar* desta «ave» é delicioso. — 3

Valongo — Romualdo Teles Santos.

4) *Entre* na tasca e comi um «peixe». — 3

Coimbra — Moraes (C. C. C.).

(Continúa na página 7)



## O APARO EDUCADOR

(Continuação da página 1)

no caderno dos exercícios, um significado e logo a letra lhe saíu nítida e a pena lhe correu fácil.

— Parece que só neste papel é que pega! — comentou, de si para si, o Zeca.

Na orla do mesmo caderno, pôs-se a desenhar um boneco.

O danado do aparo espirrou tinta por todos os lados, fazendo tal sugidade, que o pequeno, aflito, não sabia como remediar tanto estrago!

Depois, aos seus ouvidos, chegou uma vozinha — era a minha — que assim dizia:

Quando fôres mandrião,  
faço um borrão.  
Quando tiveres juízo,  
escrevo com sizo.  
Se só fizeres desvarios,  
encho o meu bico de fios,  
e depois, ó meu amigo,  
o mestre dá-te castigo!

Espantadíssimo, o Zeca olhava os bicos do aparo que pareciam abrir-se, para proferir aquelas estranhas palavras.

— Bem me recomendava o amigo Anão! O aparo não serve senão para estudar!

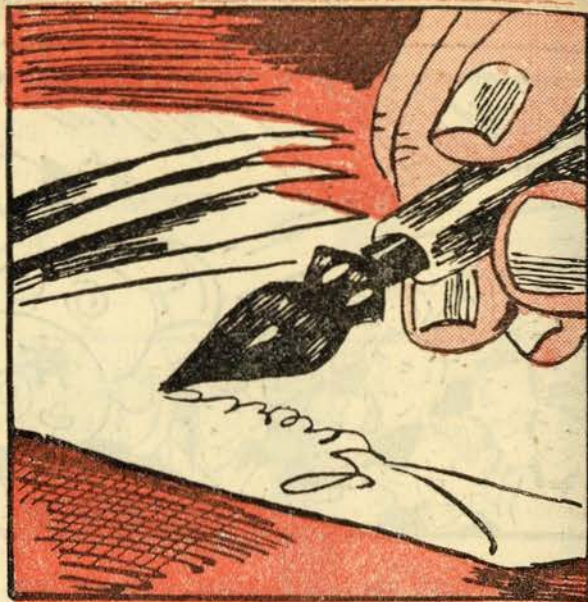
Cheio de temor, tratou de traduzir o exercício para a lição seguinte.

Era um gôsto, como o aparo corria pelo papel, ajudando, por vezes, as indecisões do rapazinho!

Em menos de meia hora, já o pequeno aprontara a lição!

Ao acabá-la, ficou até bem admirado por vêr que ainda tinha tempo para ir brincar com o Antoninho, no jardim.

Deu um salto e, apressado, preparava-se para



correr por ali fóra, quando a minha voz se tornou a ouvir:

Volta atrás  
meu rapaz!  
Vem arrumar  
no seu lugar,  
a papelada  
desarrumada!  
Sê cuidadoso,  
meticuloso,  
cheio de zêlo,  
sem desmazêlo!

O Zeca viu-se obrigado a arrumar os cadernos e livros.

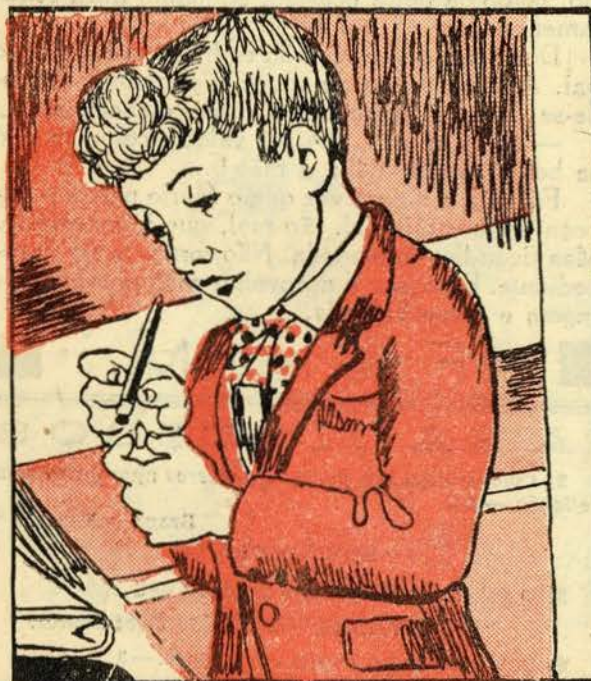
Depois, com o maior respeito, limpou o famoso aparo e meteu-o numa caixinha.

A mãe, que entrava nesse momento, ficou admiradíssima, ao vêr o filho tão ocupado com aquêles arranjos.

O seu assombro redobrou quando, daí em diante, nunca mais teve que pôr no seu lugar coisa alguma pertencente ao Zeca.

Tanto a mêsã de estudo, como os fatos e os «bibelots» de quarto, faziam gôsto, pelo seu asseio e arrumação!

E a bôa senhora, intrigada com aquela transformação nunca percebeu porque era aquêlo amôr





# O GRILO e os LILAZES

História verdadeira por LAURA CHAVES

Muito contente e estorola, numa constante alegria, vivia o senhor D. Grilo cantando em sua gaiola, tôda a noite e todo o dia, que até dava gôsto ouvi-lo.

O seu dono era o Zêzinhô que o tratava muito bem e dizia a tôda a hora: — Afinal o meu grilinho, que me custou um vintem, canta melhor que a Emissora.

Com receio de que o gato lhe fizesse alguma aquela por ser de má catadura, pôs o grilo a bom recato, pendurado na janela da salinha da costura.

O engraçado bicharoco parece que agradecia. As àsas nunca paravam,

num trilo contínuo e rouco, pois pagava em cantoria o carinho que lhe davam.

Certa manhã, a criada pôs lilazes e verdura nas jarras a ornamentar e ficou tão perfumada a salinha da costura que era um prazer ali estar.

Nessa noite, veio gente, como era sempre costume, por ser data memorável e tudo achou que o ambiente, saturado de perfume, era bastante agradável.

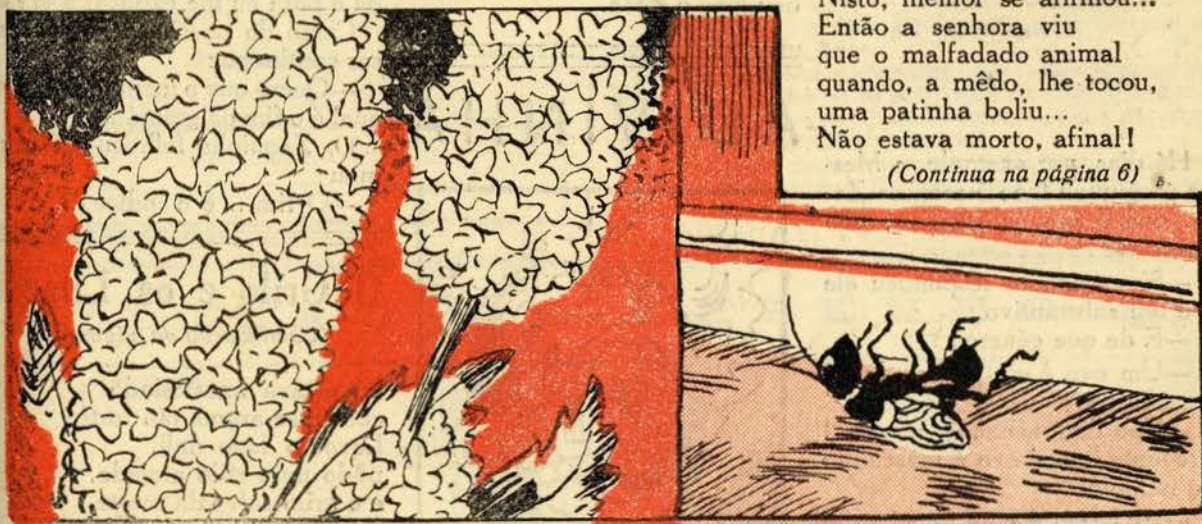
Quando se fóram embora, foi logo a mãe do Zêzinhô o bom do bicho cuidar. O que é que viu a senhora? O desgraçado bichinho caído, pernas ao ar!



Palavra! A coisa era rara! Que teria sido aquilo? Mas que caso aborrecido! Se inda de tarde cantára, tão contente, o pobre grilo, de que teria morrido?

Nisto, melhor se afirmou... Então a senhora viu que o malfadado animal quando, a mêdo, lhe tocou, uma patinha boliu... Não estava morto, afinal!

(Continua na página 6)



do pequeno, por um certo aparo, já vélhinho e ferrujento que êle guardava com tôda a estimação.

Quando eu apareço, o Zéca, já não está no ar por me vêr pelas costas e pergunta-me, a miude:

— Que tal, meu amigo, dou boa conta do recado? Sou ou não sou um menino modêlo?

Já se vê que faço logo a minha carantonha mais alegre, para lhe responder:

— Estou bem contente, bem satisfeito, por teres ficado sem tal defeito. Tua conduta muito me apraz, Eu fiz de ti um bom rapaz.



# ANEDOTAS

por ANIBAL NAZARÉ

Encontrei, ontem, num eléctrico, para a Graça, o pai do Zêquinha.

E, é claro, após as habituais palavras:

—Então, como estás, estás bem?— Bem obrigado,—a conversa recaiu sobre o filho.

—Então, como vai o teu Zeca?— perguntei eu.

—Ora!— respondeu o pai, cada vez mais maroto!

—E na escola? Ele estuda?

—Isso estuda êle!— Só que brincar, saltar no jardim, mas lá estudar, não há maneira.

—Mas, se êle não estuda, como pode êle, na escola, responder às perguntas do professor?— perguntei eu.

E o pai, então, explicou-me:

—O Zêquinha, na escola, quando não sabe, inventa. E, é claro, responde cada disparate, que o professor, que é careca, até fica com os cabelos em pé.

\*

\* \*

Há dias, por exemplo, o Mestre perguntou-lhe: ó menino Zeca, ovo é um substantivo, não é verdade?

—Sim, senhor— respondeu êle —é um substantivo.

—E de que género?

—Um ovo é um género de 1.ª necessidade!

—Não diga asneiras, menino! Pergunto-lhe se ovo é masculino ou feminino?

—Ah! Isso é conforme!... Se nascer um galo, é masculino! Se nascer uma galinha, é feminino!

\*

\* \*

Doutra vez, em aritmética, fizeram-lhe a seguinte pergunta:

—Se desses 6 nozes ao teu ir-

mão, e depois lhe tirasses quatro, que sucederia?

—Ora— respondeu o Zeca.— Que sucederia... Punha-se a berrear, que nunca mais se calava!

E' claro que o pai do Zeca contava estas coisas com desgosto, porque é uma pena ter-se um filho trapalhão.

—E o professor— perguntei eu —o que fez?

—Ora, o que fez... Pô-lo de castigo.

\*

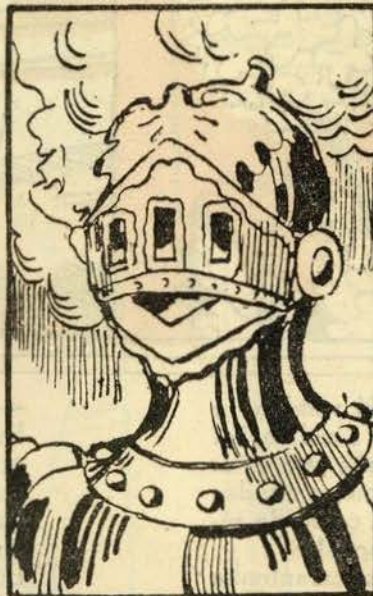
\* \*

No dia seguinte, na aula, estava-se a falar de animais; falou-se de cães, e o professor perguntou:

—Ora, digam-me lá os meninos: qual é o animal que mais se prende ao homem?

—E' a sanguessuga!— respondeu logo o Zeca.

## ADIVINHA



Meus meninos: Este guerreiro é D. Nuno Alvares Pereira. Vejam se conseguem levantar-lhe a viseira e ver-lhe a cara.

O professor continuou:

—Esteja com atenção!

«Diga-me cá: Por quem é que foram batidos os castelhanos em Aljubarrota?»

—Não sei, senhor professor! Ainda não li hoje a secção desportiva!

Nesta altura, já o eléctrico ia em S. Vicente.

E o pai do Zeca, sempre a contar as patifarias do filho!

\*

\* \*

—Imagine que, logo no primeiro dia em que êle foi à escola êste ano, o novo professor, para avaliar das suas habilitações, disse-lhe:

—O menino vai explicar-me o que é gramática.

Sabe o que êle respondeu?

—Mau, mau! Então eu venho aqui para o senhor me explicar ou é para eu lhe explicar a si?

Cheio de paciência, o professor continuou:

—Quero que o menino me diga qual é o fim da gramática!

O Zequinha folheou-a e afirmou:

—O fim... é o índice!...

## O Grilo e os Lilazes

(Continuação da página 5)

Só estava anestesiado com êsse arôma tão forte! Levou-o logo dali, pô-lo num sítio arejado, e o grilo salvo da morte, ainda hoje faz cri-cri.

Quanta vez, em quanto ambiente agradável e tranquilo, há, ocultas, coisas más que também fazem á gente o mesmo que fez ao grilo o perfume do lilaz.



# CONCURSOS CHARADÍSTICOS

(Continuação da página 3)

## MEFISTOFÉLICAS

- 5) A deusa dá ensejo para fantasiar.  
6) A «cidade» aprecia muito este «crustáceo».  
Colmbra — Gisita (C. C. C.).

## DUPLA

- 7) É um animal feroz e de pouco «pésos». — 2  
Portalegre — Arievilo.

## COMBINADA

- 8)  
+ co = «Animal»  
+ co = Peça do bilhar  
+ va = Grupo  
+ cia = País da Europa

Conceito: Cidade portuguesa  
Alpedrinha — Alfredo Matos.

## Maçada geográfica

- 9) A M E I L D A  
Setúbal — Zé Quitolas.

## Pergunta enigmática

- 10) Qual é a ave que, tirando-se-lhe uma vogal, se transforma numa substância líquida?  
Beja — Um decifrador.

## Decifrações do n.º 2

- 1 — Regador; 2 — Querido-quêdo; 3 — Luisa-lusa; 4 — Batata-bata; 5 — Repreza-reza; 6 — Seculo-sêlo; 7 — Mandado-mando; 8 — SOCORRAM-MARROCOS; 9 — Nécemia; 10 — P, ira, primo, amo, o; 11 — Chaves.

## Produtores

### QUADRO DE DISTINÇÃO

- N.º 1 — BATA LOURA — 10 votos  
N.º 8 — A. SERAVAT — 7 votos

## OUTRAS VOTAÇÕES

- N.º 6, de «Nela», 2 votos; n.º 2, 1; n.º 4, 1; n.º 5, 1; n.º 9, 1; n.º 10, 1.

## Decifradores

### QUADRO DE HONRA

Anjocarfes, Arievilo, Barba Azul, Béu, Dália de Jesus, Dois Manos, Efi, Fernandoso, Lilicas, Lucas, Maria Dulce Cabral, Noémia, Sir Mistério, Um decifrador, Zéca, Zé Gaspar, Zé Guinoro, Zé Quitolas, Zeuzinho

Decifraram 11 — Totalidade

### QUADRO DE MÉRITO

António C. Abreu, John Biffe, Maria do Ar, Otavarg, Rei da Graxa, Romualdo Santos, Sobrac Sier, 10 J. Atirbac, 9 — António Freire, D. Rufa, 8 — Alfredo Matos, 6

## OUTROS DECIFRADORES

Chalet d'ossos, 4.

Não enviaram votação os seguintes decifradores: Alfredo Matos, António Frelre, Arievilo, Dália de Jesus, D. Rufa e Maria Dulce Cabral.

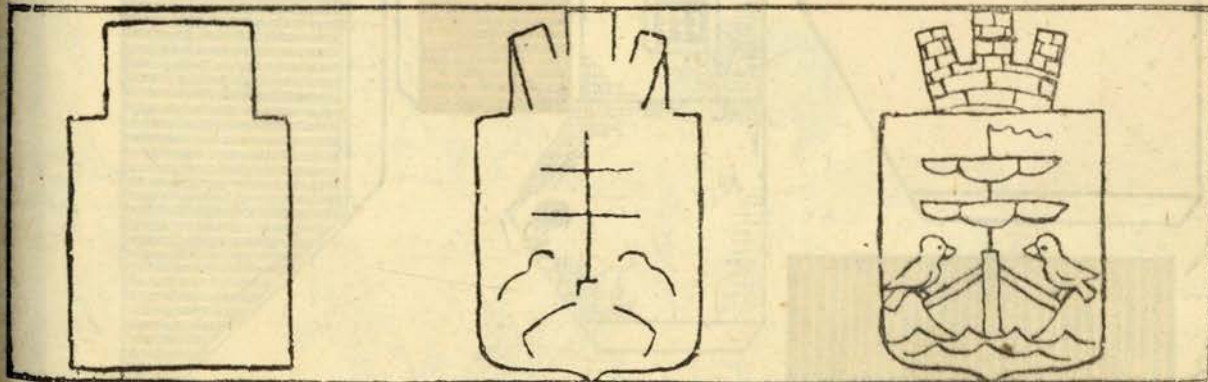
Notas: Por lapso, no número anterior, não incluímos no Quadro de Honra o concorrente «Um decifrador» que a ele tem direito em virtude de ter enviado a lista de decifrações completas.

Por conseguinte deve ser contado mais um voto à produção de «John Biffe».

— Temos também a comunicar que recebemos, mas já depois de organizados os resultados do número 1, mais algumas votações a esse número referentes, e que, por essa razão, já não puderam ser contadas.

— No Quadro de Honra, referente também ao número 1, onde se lê *Edi*, figurando como concorrente, deve lêr-se *Efi*.

## LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha o escudo da cidade de Lisboa

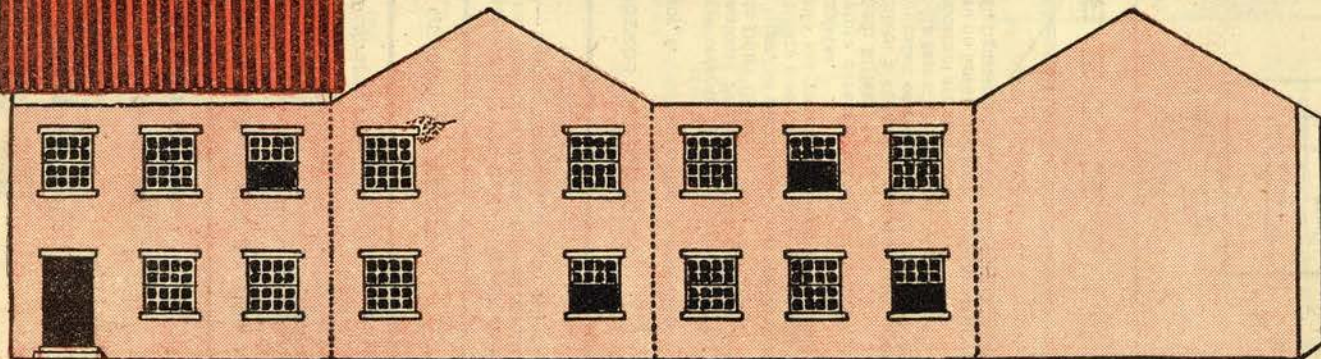
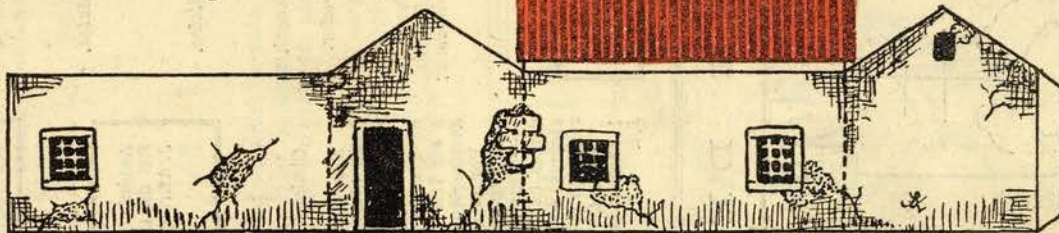
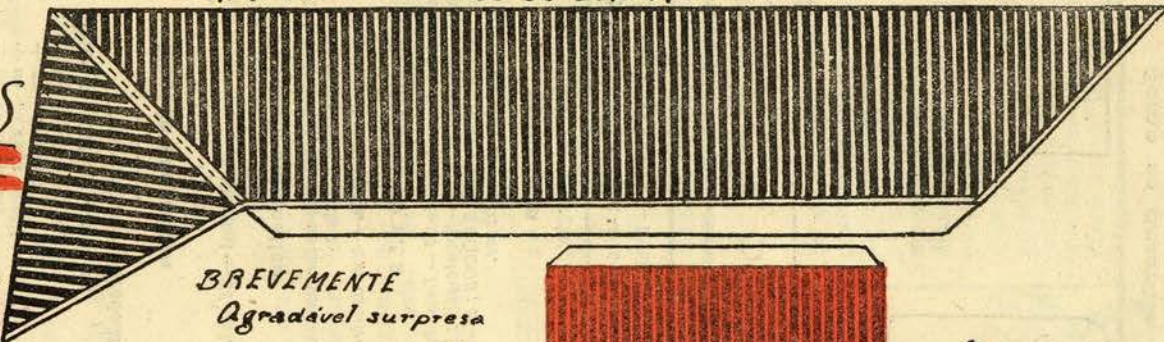
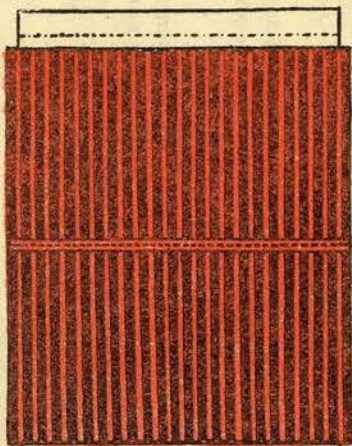


12.<sup>a</sup> Folha.  
HABITAÇÕES

RESTO DO TELHADO DO SOLAR

BREVEMENTE  
*Agradável surpresa*

PPA  
Imâm um.



Américo Honda